

# **A Caridade como norte e meta da Igreja de todos os tempos: uma exigência de 1Cor 13,1-13**

## **Charity as North and goal of the Church of all times: a requirement to 1Cor 13:1-13**

Maria Clara da Silva Machado\*

---

Resumo: O texto de 1Cor 13,1-13 é, sem dúvida, um dos mais belos textos da Sagrada Escritura. Sua clareza e objetividade deixam claro que a meta de cada fiel na Igreja será o vivenciar o amor no cotidiano da vida. Tal vivência capacita o homem a viver na transitoriedade do tempo um prelúdio de seu existir na eternidade, onde Deus que é amor (cf. 1Jo 4,8) será tudo em todos.

Palavras-chave: São Paulo. Primeira Carta aos Coríntios. Caridade. Carismas. Amor ágape.

Abstract: The text of 1 Cor 13:1-13 is, undoubtedly, one of the most beautiful texts of the Scripture. Its clarity and objectivity show that the goal of every believer in the Church will be the experience of love in everyday life. This experience enables man to live in the transience of time a prelude to his existence in eternity, where God who is love (1Jn 4:8) will be all in all.

Keywords: Saint Paul. First Letter to the Corinthians. Charity. Charisms. Agape love.

---

\* Maria Clara da Silva Machado é Doutora em Teologia Bíblica, professora da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro, onde coordena o curso de pós-graduação *lato sensu* em Teologia Bíblica. É professora do Instituto Superior de Teologia da Arquidiocese do Rio de Janeiro, do Instituto Superior de Ciências Religiosas da Arquidiocese do Rio de Janeiro e do Seminário Diocesano Nossa Senhora do Amor Divino, em Petrópolis. E-mail: [claramachado.prof@gmail.com](mailto:claramachado.prof@gmail.com)

## INTRODUÇÃO

O agir cristão será avaliado, na primeira subseção (cf. v.1-3) sob o prisma do amor. Será o amor que determinará se a ação possui mérito ou se está fadada ao demérito. Tal demarcação deve-se ao fato do autor ter recorrido a um discurso em primeira pessoa, o que estabelece um juízo decisivo sobre o sujeito da ação. Dentro do plano religioso nenhuma realidade, seja ela de origem natural ou sobrenatural, tem valor se falta o amor.

Na segunda subseção (cf. v.4-7), Paulo descreve a ação polivalente do amor, seu modo de agir e as consequências deste agir sobre a pessoa que se deixa mover pelo amor. O destinatário deste movimento não é aquele que pratica a ação, mas o seu próximo.

O vastíssimo campo de atuação do amor é indicado através de quinze verbos. O amor é o sujeito de todos os verbos, e é ele que age e realiza. Três destes verbos encontram-se na forma positiva simples: é paciente, é amável, alegra-se com a verdade. Através destas três perspectivas, Paulo tem como objetivo sublinhar o agir generoso e benévolo do amor.

Oito verbos têm forma negativa: não é invejoso, não é fanfarrão, não é orgulhoso, não faz coisas inconvenientes, não procura o próprio interesse, não se irrita, não guarda rancor, não se alegra com a injustiça. Os quatro últimos verbos definem o agir totalizante do amor que tudo desculpa, tudo crê, tudo espera e tudo suporta.

A terceira subseção (cf. v.8-13) recorre ao paralelismo antitético para contrapor o amor às experiências carismáticas. Estas cessarão no mundo futuro, enquanto o amor nunca passará. A supressão dos carismas se dá em virtude de seu caráter parcial, limitado e imperfeito enquanto o amor apresenta-se como a perfeição cristã.

## PANORAMA GERAL DA CIDADE DE CORINTO

A cidade de Corinto fora totalmente destruída pelos romanos em 146 a.C. e reconstruída, como colônia romana, por Júlio César no ano 44 a.C. Sua população, conseqüentemente, era composta em sua maioria de cidadãos romanos. Corinto foi feita capital da província romana da Acaia em 27 a.C. Com o florescimento da atividade comercial, alcançando rapidamente

um esplendor econômico<sup>1</sup>. A cidade também possuía um célebre santuário dedicado a Afrodite, meta de peregrinações de diversas cidades. Corinto era um ponto de encontro das culturas do oriente e do ocidente.

O comportamento dos habitantes da cidade ganhou fama não muito honrosa (cf. ICor 5,1-13; 6,9.18-20). O viver à moda coríntia, *korynthiázesthai*, era sinônimo de viver em uma grande corrupção moral, viver de forma degradante<sup>2</sup>.

Paulo inicia sua atividade na cidade por ocasião de sua segunda viagem missionária, em torno do ano 51 (At 18,1-18). Como era seu costume, dirigiu-se à sinagoga para anunciar que Jesus é o Messias. Insultado pelos judeus, passa a pregar aos pagãos. Ali foi acolhido por Tício Justo (cf. At 18,5-8). Paulo permaneceu na cidade um ano e meio e muito sofreu com a oposição dos judeus que dirigiram-se ao procurador Galião com falsas acusações (cf. At 18,12-17).

Durante sua terceira viagem missionária (54-56 d.C.), Paulo recebe emissários da casa de Clóe, Estéfanos, Fortunato e Acaio (cf. ICor 5,1, 16,17-18), relatando que a comunidade estava dividida em partidos, que havia muita luxúria e orgulho, além de rixas entre os fiéis que eram levadas aos tribunais pagãos (cf. ICor 6,1). Ainda, quanto à celebração do culto divino, havia abusos principalmente relacionados à irreverência na celebração da Eucaristia (cf. ICor 11,1-34). Tal panorama deflagra a composição da Primeira Carta aos Coríntios.

A perícopes de ICor 13,1-13 pode ser situado, na visão de Collins<sup>3</sup>, na *quinta demonstração retórica* e pode ser subdividida em três seções, como indicamos abaixo<sup>4</sup>.

---

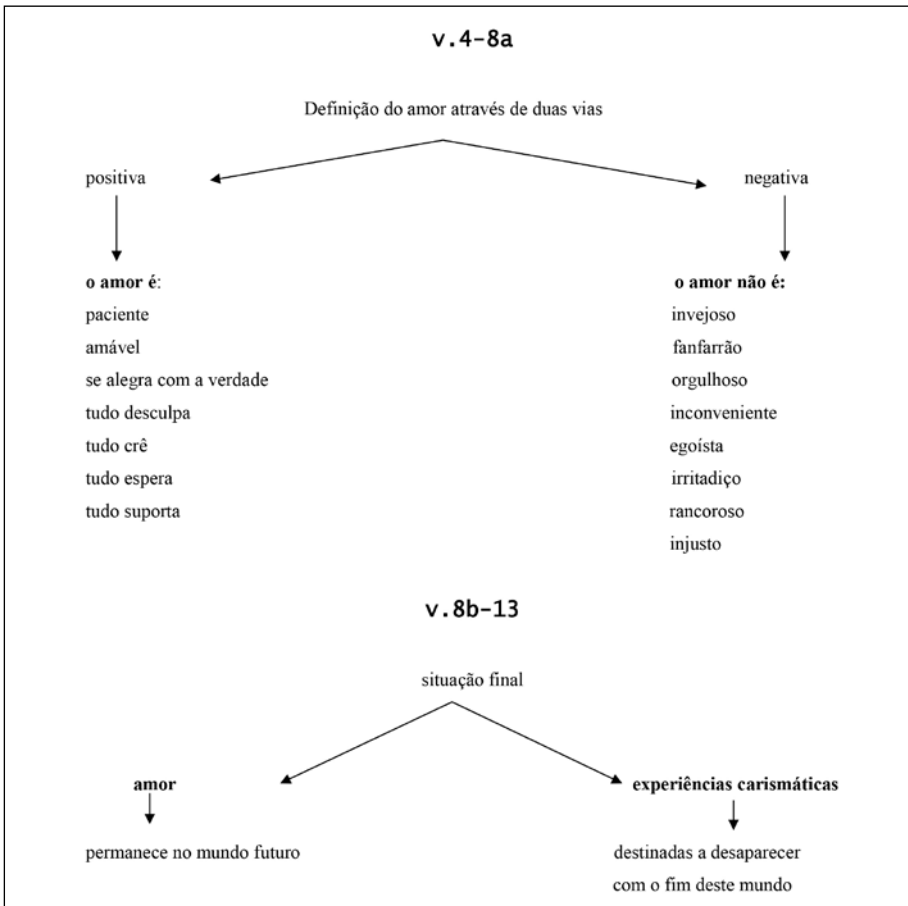
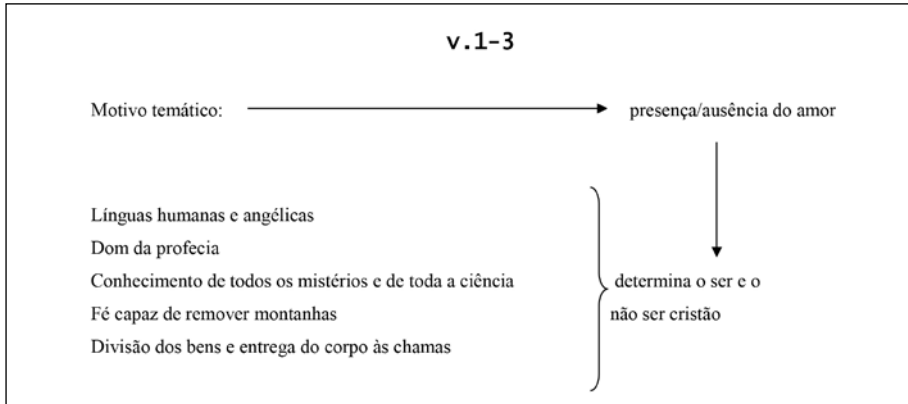
<sup>1</sup> Cf. COLLINS, Raymond F., *Frist Corinthians*. Sacra Pagina 7. Minnesota, The Liturgical Press, 1999, 21-24.

<sup>2</sup> Cf. BALLARINI, Teodorico, *Introdução à Bíblia*. V/1. Petrópolis, Vozes, 1974, p. 253.

<sup>3</sup> Collins propõe que a 1Coríntios seja dividida em *Seis Demonstrações Retóricas*, a saber: *Primeira Demonstração Retórica – 1,18-4,21; Segunda Demonstração Retórica – 5,1-7,40; Terceira Demonstração Retórica – 8,1-11,1; Quarta Demonstração Retórica – 11,2-34; Quinta Demonstração Retórica – 12,1-14,40; Sexta Demonstração Retórica – 15,1-58*. Contendo ainda uma introdução (1,1-17) e uma conclusão (16,1-24). Cf. COLLINS, Raymond F., *Op. cit.* p. 30-31.

<sup>4</sup> Para Collins a estrutura da perícopes ICor 13,1-13 segue o modelo de chiasmo: A (v.1-3) + B (v. 4-7) + A' (v.8-13). Cf. COLLINS, Raymond F., *Op. cit.* p. 472. Destacamos, contudo que tal postura não é frequentemente seguida por outros estudiosos.

## Estrutura de 1Cor 13,1-13



## Pontos relevantes para a exegese

### Primeira subseção - v.1-3

v. 1 - Ἐὰν ταῖς γλώσσαις τῶν ἀνθρώπων λαλῶ καὶ τῶν ἀγγέλων, ἀγάπην δὲ μὴ ἔχω, γέγονα χαλκὸς ἤχων ἢ κύμβαλον ἀλαλάζον.

A expressão γλώσσαις τῶν ἀνθρώπων λαλῶ καὶ τῶν ἀγγέλων, o falar as línguas humanas e a angélica, parece encontrar apreço entre os cristãos de Corinto (cf. 1Cor 14,6). A experiência da glossolalia era conhecida e desejada pelos místicos e sábios pagãos que a julgavam adequada para falar sobre o indizível. O recurso a esta expressão acrescida καὶ τῶν ἀγγέλων, falar a língua dos anjos, parece indicar uma construção hiperbólica cujo objetivo seria ressaltar a nulidade da glossolalia quando esta carece da presença do amor<sup>5</sup>.

A metáfora que sucede a esta hipóbole γέγονα χαλκὸς ἤχων ἢ κύμβαλον ἀλαλάζον, ser como um bronze que soa, reforça a ideia de nulidade do dom, pois o bronze deveria soar em harmoniosa melodia com outros instrumentos musicais. O som do bronze sem uma expressão musical em nada colabora para a alegria, ou para o encantamento do homem e não teria nem mesmo serventia no culto.

A linguagem fundamental seria aquela que, permeada do conhecimento de Deus, do mistério no entender dos místicos pagãos, estivesse revestida de amor quando dirigida ao próximo.

v. 2 - καὶ ἐὰν ἔχω προφητεῖαν καὶ εἰδῶ τὰ μυστήρια πάντα καὶ πᾶσαν τὴν γνῶσιν καὶ ἐὰν ἔχω πᾶσαν τὴν πίστιν ὥστε ὄρη μεθιστάναι, ἀγάπην δὲ μὴ ἔχω, οὐθέν εἰμι.

A tríade profecia (προφητεία), conhecimento (γνῶσις) e fé (πίστις) retoma a noção de que os habitantes de Corinto agradavam-se daqueles dons embebidos em conhecimento dos mistérios divinos. A retórica paulina, em diversos momentos, confrontará a tríade profecia, conhecimento e fé com

<sup>5</sup> Cf. R. KIEFFER, Le primat de l'amour. Commentaire épistémologique de I Corinthiens 13, Paris, p. 46.

o amor (cf. 1Cor 2,1; 8,1-3; 12,28; 14,6). Este último converte-se em crivo fidedigno daquele que porta o dom, pois para Paulo, o único conhecimento e anúncio profético que de fato importa ao homem é o conhecimento de Deus (cf. 1Cor 2,1), isso dentro de uma dimensão escatológica onde Ele é a causa de nossa salvação. A fé capaz de remover montanhas (cf. Mt 17,20; 21,21) é reconhecida pelo Apóstolo dos Gentios como um elemento característico daquele que segue o Senhor (cf. ; 1Cor 12,8-9; 2Cor 12,12). Contudo, esta de nada vale se lhe faltar o amor.

A nulidade da eficácia da tríade profecia, conhecimento e fé é reforçada pela presença do vocábulo *παντα*, que expressa a totalidade do dom<sup>6</sup>. Em uma igreja, como a de Corinto, onde tais dons fascinavam os membros, Paulo demonstra que mesmo diante da remota possibilidade de alguém tornar-se apto para abarcar a totalidade de algum dom, toda a trajetória e empenho humano seriam destinados à falência porque faltaria o essencial: o amor.

v.3 - *καὶ ἂν ψωμίσω πάντα τὰ ὑπάρχοντά μου καὶ ἂν παραδῶ τὸ σῶμά μου ἵνα καυχῆσωμαι, ἀγάπην δὲ μὴ ἔχω, οὐδὲν ὠφελοῦμαι.*

As duas últimas advertências desta subseção giram em torno de dois patrimônios: o financeiro (*ψωμίσω*) e a vida (*σῶμα*). A práxis dos fiéis de Corinto parece ainda vinculada ao pensamento antigo grego que estimulava o ato heróico de doar o patrimônio ou mesmo a própria vida em prol de um amigo ou mesmo de um desconhecido. Este ato heróico, entretanto, poderia revelar-se ineficaz, pois aquele que recebeu o bem, o resgate de uma dívida ou a doação da vida, poderia lançar-se em novas cadeias sem que o sacrifício oferecido pudesse regenerá-lo novamente<sup>7</sup>.

Dentro do ambiente cristão Paulo admite a possibilidade de alguém não conseguir doar algo em benefício de um necessitado, como já o fizera o jovem rico do evangelho (cf. Mc 10,17-22), mas alerta que este comportamento revela um estado de escravidão. Por outro lado, aquele que é capaz de doar todos os bens ou até mesmo a própria vida, mas permanece destituído de amor, também não está livre em seu coração para agir de forma plenamente caridosa.

<sup>6</sup> Cf. DANKER, Fredrick William, *A Greek-English Lexicon of the New Testament*. Chicago and London, The University of Chicago Press, 2000, col. 782-785.

<sup>7</sup> Cf. PULTINELLI, G., *Il concetto paolino di espiazione a partire da Rm 3,25*. Roma, PUL, 2006.

O v. 3 parece indicar que a doação do patrimônio ou da própria vida só adquire mérito se estiver perpassada do amor de Deus que doou seu único Filho e do amor de Jesus, que doou a sua vida por nós, para libertar-nos de nossos pecados (cf. Rm 8,31ss; 2Cor 5, 14-15). Um amor assim comportaria uma dimensão cristológica bastante precisa. Em conseqüência, a práxis eclesiológica deveria revelar um coração livre capaz de amar na mesma dimensão do amor de Cristo pela humanidade.

### Segunda subseção - v. 4-7

v. 4 - Ἡ ἀγάπη μακροθυμεῖ, χρηστεύεται ἡ ἀγάπη, οὐ ζηλοῖ, [ἡ ἀγάπη] οὐ περιερέεται, οὐ φυσιοῦται.

O amor é paciente (μακροθυμέω). Ao definir o amor sob o véis da paciência, Paulo ensina que o temor de ferir ou humilhar o próximo converte-se na primeira característica do amor. O amor paciente revela-se incansável, possui um ânimo longo a exemplo do próprio Deus que usou de paciência com o seu povo (cf. Lc 18,7; 2Pd 3,9; Rm 2,4; 9,22). Sendo assim, do mesmo modo que Deus amou o seu povo e auxiliou o ritmo de crescimento deste, também o homem em suas relações interpessoais deve amparar o amadurecimento humano-espiritual do seu próximo (cf. 1Tes 5,14)<sup>8</sup>.

Na seqüência, o amor é definido como bondoso (χρηστεύομαι), um hápax no NT<sup>9</sup>. O ápice do amor bondoso de Deus pelo homem pode ser detectado no mistério da encarnação (cf. Tt 3,4). O amor benigno é a possibilidade de se fazer o bem com afabilidade e discrição a exemplo de Cristo que andou fazendo o bem (cf. At 10,38). Sendo assim, quando o amor cristão possui o elemento da benignidade, assume um traço característico do agir de Deus e forja no homem uma condição interior plenamente positiva que não sede lugar à hostilidade, antes tece um ambiente de hospitalidade perante o próximo.

---

<sup>8</sup> A virtude da paciência converte-se em uma característica do cristão, e, via de regra, é elencada no Novo Testamento no catálogo das virtudes (cf. 2Cor 6,6; Gl 5,22; Col 3,12), sua aplicação exerce mudanças nas relações sociais (cf. Ef 4,2; Col 1,11; 2Tm 3,10).

<sup>9</sup> Cf. RUSCONI, Carlo, *Vocabulario del Greco del Nuovo Testamento*. Bologna, EDB, 1997, p. 370; COLLINS, Raymond F., *Op. cit.* p. 480.

Após duas afirmações positivas sobre o amor (v.4a-b), Paulo apresenta três afirmações em via negativa (v.4c.d.e): o amor não é invejoso (ζηλώω)<sup>10</sup>, não é arrogante (περπερεύομαι), não é orgulhoso (φυσιούται). Os três verbos na forma negativa, delineiam uma antítese ao amor.

A primeira definição em via negativa declara que o amor não é invejoso. Inveja é a incapacidade de alegrar-se com o bem alheio<sup>11</sup>, é a tristeza de ver no outro potencialidades que não despontam na pessoa invejosa. Esta carência gera atitudes de soberba e egocentrismo naquele que padece de inveja. Por partir do próprio “eu”, a inveja projeta um juízo negativo sobre o outro, diminuindo sua dignidade e valor<sup>12</sup>. A inveja exerce um movimento oposto ao amor porque o amor ensina a não gloriar-se (cf. Rm 12,3), ensina a doar-se aos outros sem impor-se a eles (cf. 1Cor 4,18-19; 5,2; 8,1), ensina a perdoar e exaltar a dignidade de filhos de Deus.

O amor não é arrogante. O verbo περπερεύομαι<sup>13</sup> (arrogância), caracteriza-se pela falta de humildade manifestada na falsa sensação de se estar no mesmo nível do próximo e pelo fastio de ouvir e aprender. A postura arrogante distancia do amor de Deus que convida a criatura a ouvir seu discurso salvífico (cf. Dt 6,1-9; Is 43,10; 44,6-8; Os 13,4; Ml 2,10; 1Cor 8,6; Ef 4,6), impedindo-a de conhecer a verdade (cf. Jo 8,32) e, por fim, de amá-lo.

A terceira antítese verbal é o orgulho (φυσιώω)<sup>14</sup>. O orgulho possui em si a inacreditável capacidade de gerar o ódio contra Deus. É capaz de negar o amor e a bondade de Deus, podendo mesmo maldizê-lo por apresentar o pecado como algo proibido e imputar penas àqueles que dele se aproximam<sup>15</sup>. A força devastadora do orgulho, fonte de tantos pecados, deve ser combatida

---

<sup>10</sup> Cf. DANKER, Fredrick William, *Op. cit.* p. 808; RUSCONI, Carlo, *Op. cit.* p.275.

<sup>11</sup> Cf. Catecismo da Igreja Católica, n. 2539. Francisco Faus propõe três classificações para a inveja: inveja verdadeira, inveja disfarçada e falsas invejas. Cf. FAUS, Francisco, *A Inveja*. São Paulo, Quadrante, 1996, p.3-6. <http://www.padrefaus.org/wp-content/uploads/2011/04/ainveja.pdf>. Acesso em Abril de 2013.

<sup>12</sup> Para alguns autores a inveja era uma característica da comunidade de Corinto. De fato, o tema é tratado apenas nesta carta onde a rivalidade parece estar sempre presente (cf. 1Cor 3,3). COLLINS, Raymond F., *Op. cit.* p. 480.

<sup>13</sup> Cf. DANKER, Fredrick William, *Op. cit.* p. 427

<sup>14</sup> Cf. DANKER, Fredrick William, *Op. cit.* p. 1069; RUSCONI, Carlo, *Op. cit.* p.363.

<sup>15</sup> Cf. Catecismo da Igreja Católica, nº 2094.



pela humildade<sup>16</sup>, riqueza e honra do homem (cf. Pr 22,4), fundamento do servir a Deus (cf. At 20,19; Fl 2,3), veste e a fonte de graça do cristão (cf. Cl 3,12; 1Pd 5,5), pois o orgulho encontra em Deus total aversão (cf. 1Pd 5,5).

v.5 - οὐκ ἄσχημονεῖ, οὐ ζητεῖ τὰ ἑαυτῆς, οὐ παροξύνεται, οὐ λογίζεται τὸ κακόν,

O v.5 dá continuidade ao elenco de antíteses verbais que determinam aquilo que o amor jamais será. A quarta antítese revela que o amor não é inconveniente (ἄσχημονέω). A ação inconveniente denota algo que não foi realizado da forma devida<sup>17</sup>. A abrangência desta ação inadequada é bastante ampla, abarcando tanto os pecados opostos ao sexto Mandamento<sup>18</sup> quanto as ações que suprimem ao outro o respeito devido, ferindo a justa relação do homem com Deus, consigo mesmo e com o próximo (cf. Gn 3).

Na quinta antítese Paulo destaca que o amor não busca o próprio interesse (ζητεῖ τὰ ἑαυτῆς)<sup>19</sup>. A exortação aqui proposta pelo Apóstolo dos gentios parece ecoar em outros textos. A busca dos próprios interesses deve ceder lugar ao direito dos outros (cf. 1Cor 10,23b-24); a procura dos próprios interesse pode gerar conflitos (cf. Mc 10,37) e contendas no seio da comunidade (cf. Fl 2,3a), retirando, deste modo, aquilo que é elemento característico do amor: a gratuidade e a justiça (cf. Rm 13,10; 12,19; Mt 5,39). A gratuidade e a justiça expressam de modo particular o amor de Deus pelo homem (cf. Rm 2,11; Gl 2,6), capaz de abandonar o próprio direito e humilhar-se ao extremo para resgatar a criatura (cf. Fl 2,3-8; Rm 15,2-3).

A sexta antítese descreve a incapacidade do amor de se irritar/encolerizar (παροξύνομαι)<sup>20</sup>. A ira ou o ódio voluntário almeja, deliberadamente, o mal do próximo (cf. Gn 4,10-11), se deixa conduzir pelos impulsos e instintos irrefletidos gerando injustiças (cf. Ex 11,8; 18,23; 22,24; Pr 15,18; 21,14) que distanciam o homem da justiça de Deus (cf. Rm 1,18; 1Ts 5,9; Tg 1,19-20). A ausência da ira acentua a presença do amor-perdão que visa a supressão das situações mais complexas.

<sup>16</sup> Cf. Catecismo da Igreja Católica, nº 2540.

<sup>17</sup> Cf. DANKER, Fredrick William, *Op. cit.* p. 147; RUSCONI, Carlo, *Op. cit.* p.54.

<sup>18</sup> Cf. Catecismo da Igreja Católica, nº 2331-2359.

<sup>19</sup> Cf. DANKER, Fredrick William, *Op. cit.* p. 268.428; RUSCONI, Carlo, *Op. cit.* p. 99.363.

<sup>20</sup> Cf. DANKER, Fredrick William, *Op. cit.* p. 780; RUSCONI, Carlo, *Op. cit.* p. 365

Em sétimo lugar na lista das antíteses do amor encontramos a orientação de buscar um amor que não se julga ofendido (λογίζεται τὸ κακόν)<sup>21</sup>. A expressão “julgar-se ofendido” possui liames tanto com a linguagem comercial, quanto com os discursos políticos<sup>22</sup>. Através destes a pessoa que se julga lesada busca a reparação que julga pertinente. Contudo, não cabe à pessoa individualmente buscar a vingança, pensando que, através deste ato, restaurará a justiça. Uma justiça que se estabelece através da força só pode vir de Deus, pois somente Ele, ao empregar uma ação mais dura, poderá produzir, de fato, a justiça (cf. Dt 32, 35-36; Sl 94,13; 1Tes 4,6).

v. 6 - οὐ χαίρει ἐπὶ τῇ ἀδικίᾳ, συγχαίρει δὲ τῇ ἀληθείᾳ·

O oitavo e último elemento no rol das antíteses é a renúncia de alegrar-se com a iniquidade/injustiça (οὐ χαίρει ἐπὶ τῇ ἀδικίᾳ)<sup>23</sup>. A injustiça praticada pelo homem tem como consequência a inviabilidade da atuação da verdade, esta perversa inversão da ordem possui uma gravidade tão grande que contra ela se levanta a ira de Deus (cf. Rm 1,18). A expressão *ira de Deus* implica na noção bíblica de justiça na relação do homem com Deus e com o seu próximo (cf. Gn 3,8-19; Lv 19,15; Jr 22,13). O desconhecimento desta reta relação compromete a conduta moral e induz tanto os fracos como os fortes à tentação de pecar contra a própria liberdade e contra a caridade, atingindo, assim, a fraternidade a seus semelhantes e a verdade divina<sup>24</sup>. A injustiça, por ser uma antítese à verdade, é abominável aos olhos de Deus (Dt 25,16). Por conseguinte, não produz no coração do homem a alegria, que é, em última instância, o encontro com o Cristo ressuscitado (cf. Fl 3,1; 4,4)<sup>25</sup>.

<sup>21</sup> Cf. DANKER, Fredrick William, *Op. cit.* p. 597.501; RUSCONI, Carlo, *Op. cit.* p. 211. 180.

<sup>22</sup> Cf. COLLINS, Raymond F., *Op. cit.* p.481.

<sup>23</sup> Cf. DANKER, Fredrick William, *Op. cit.* p. 20; RUSCONI, Carlo, *Op. cit.* p. 07.

<sup>24</sup> Cf. Catecismo da Igreja Católica, nº 1740.

<sup>25</sup> O convite à alegria é bastante geral e incisivo: “estejam *sempre* alegres no Senhor. *Repito: sejam alegres*. Deve-se notar também a especificação: “no Senhor” (cf. Fl 3,1; 4,4). Cristo morto e ressuscitado é o espaço em que os fiéis existem, agem e sentem. Portanto, não é um otimismo barato que está na base da alegria cristã, mas a consciência de estarmos unidos a Cristo e de participarmos de sua vida. E como as adversidades são o lugar histórico dessa estreita comunhão, elas podem ser enfrentadas sem depressões ou tristezas. A *via crucis* dos fiéis é a participação na *via crucis* do Senhor. É pois rica de significado positivo, ou seja, de vida que nasce prodigamente da morte. Por isso pode-se percorrê-la com profunda alegria. Cf. BARBAGLIO, Giuseppe, *As Cartas de Paulo*. v.II. São Paulo, Loyola, p. 386-389.

O v. 6b retoma o elenco de características positivas do amor (v.4a.b) quando indica que a caridade se alegra/regozija com a verdade (συγχαίρει δὲ τῇ ἀληθείᾳ). A verdade torna-se, portanto, o lugar por excelência onde o amor encontra a razão de sua alegria, e este lugar é Deus que se revela como veraz (cf. Rm 3,4). Sendo Deus o lugar onde a verdade habita esta pode ser facilmente alcançada pelo homem através de sua Palavra (cf. Pr 8,7 2Rs 7,28) e de sua Lei (cf. Sl 119,90.142), o que implica um viver na verdade (cf. Jo 14,17) e dela dar testemunho. O testemunho da verdade é um ato de justiça que viabiliza o conhecimento da própria verdade (cf. Mt 18,16).

v. 7 – πάντα στέγει, πάντα πιστεύει, πάντα ἐλπίζει, πάντα ὑπομένει.

A característica principal do v.7 é a introdução da dimensão universal e totalizante do amor, sinalizado pela presença do adjetivo acusativo neutro plural *tudo* (πάντα) que confere ritmo ao agir do amor, o qual é capaz de tudo suportar, crer, tolerar e esperar.

O amor tudo desculpa (πάντα στέγει). O verbo grego στέγω (encobrir/manter confidencial)<sup>26</sup> estabelece um paralelo com o v.4, onde o amor foi apresentado como paciente (μακροθυμέω), ou seja, incapaz de ferir ou humilhar o outro, mas sempre pronto para percorrer um longo caminho a fim de resgatar o próximo. Esta prontidão em percorrer um longo caminho delineado no v.4, assume no v.7a, o aspecto de tenacidade em silenciar, manter confidencial, suportar o outro em suas necessidades. A motivação para manter esta estrutura de silêncio diante de uma determinada circunstância não indica, em absoluto, uma omissão; antes, revela que o amor está sempre pronto para proteger, para cobrir, através do silêncio, as mazelas alheias, em lugar de expor os defeitos e o mal dos outros (cf. 1Pd 4,8).

Esta postura do amor que tudo desculpa não significa que este seja cego; antes, traduz que a beleza de um amor capaz de tudo desculpar repousa na manifestação da face misericordiosa do amor. Esta face misericordiosa do amor, por sua vez, revela o elemento de bondade<sup>27</sup>, e este, por sua vez, brada por uma

<sup>26</sup> Cf. DANKER, Fredrick William, *Op. cit.* p. 942; RUSCONI, Carlo, *Op. cit.* p. 316.

<sup>27</sup> A bondade é, antes de tudo, uma característica divina. No AT, Ele faz passar toda a sua bondade diante da criatura (cf. Ex 33,19); sacia seu povo de bens e alimentos (cf. Ne 9,25); é causa de louvor a Deus (cf. Sl 21,3; 23,6; 31,19; 33,5; 65,4; 68,10; 145,7; 107, 8.15.21.31; Os 3,5; Is 63,7; Zc 9,17); de censura para o homem (cf. Dt 28,47; Rm 11,22), é a razão da esperança da

postura de fidelidade pessoal que deve impregnar a relação entre duas pessoas<sup>28</sup>. A face misericordiosa do amor não comporta a dimensão de masoquismo ou passividade (cf. Rm 8,22); antes, se revela forte o suficiente para lidar com a questão do pecado e com as dificuldades do outro (cf. 1Cor 6,7).

A segunda dimensão universal e totalizante do amor evidencia que o amor tudo crê (πάντα πιστεύει)<sup>29</sup>. De fato, o amor não possui como primeira atitude a desconfiança; antes, sua primeira atitude é a capacidade de dar crédito e confiar, sem, todavia, ser superficial. A superação da superficialidade encontra-se na potência interna do amor que pode ser compreendida como obediência à verdade; esta última permanecerá como mecanismo eficaz para vencer cada situação de dificuldade.

O amor que tudo crê, por estar centrado na obediência à verdade, não se deixa enganar pela mentira de qualquer tratante, mas está sempre pronto a conceder o benefício da dúvida, porque a base de sustentação onde vive o amor é a fé que pode tornar possível todas as coisas (cf. Mt 9,22.29; 15,28; Mc 11,22; Lc 5,20; 7,9.50). Por esta razão, a segunda dimensão universal, o amor que tudo crê (πάντα πιστεύει), tendo seu alicerce sobre a fé, converte-se em característica básica da autêntica vida cristã.

Na terceira dimensão universal e totalizante do amor deparamo-nos com a capacidade do amor que tudo espera (πάντα ἐλπίζει)<sup>30</sup>. A esperança é, sem dúvida, o complemento escatológico da fé, porque mantém o olhar voltado para a plenitude da salvação na parusia do Senhor (cf. 1Tes 1,10; 2,19; 3,13; 5,23; 2Ts 2,1; 2Pd 1,16).

Com a presença da terceira dimensão universal do amor deparamo-nos com a tríade fé, esperança e amor, que define o autêntico existir cristão, a

---

criatura (cf. Sl 16,2; 25,7; 27,13; 52,1). No NT a bondade é um dos frutos do Espírito Santo (cf. Gl 5,22; Ef 5,9) e deve ser manifestada nas relações interpessoais (cf. Rm 15,14; 2Ts 1,11).

<sup>28</sup> O Papa João Paulo II na nota de nº 52 de sua Carta Encíclica *Dives in Misericordia*, que a misericórdia possui um matiz semântico diverso. Antes de mais, destaca o Papa, o termo *hesed*, indica uma profunda atitude de “bondade”. Quando esta disposição se estabelece entre duas pessoas, estas passam a ser, não apenas benévolas uma para com a outra, mas também reciprocamente fiéis por força de um compromisso interior, portanto, também *em virtude de uma fidelidade para consigo próprias*. E se é certo que *hesed* significa também “graça” ou “amor”, isto sucede precisamente na base de tal *fidelidade*. Cf. JOÃO PAULO II, *Dives in Misericordia*. nº4, nota 52. São Paulo, Paulinas, 1998.

<sup>29</sup> Cf. DANKER, Fredrick William, *Op. cit.* p. 816; RUSCONI, Carlo, *Op. cit.* p. 277.

<sup>30</sup> Cf. DANKER, Fredrick William, *Op. cit.* p. 319; RUSCONI, Carlo, *Op. cit.* p. 117.

saber: uma existência para amar. Por esta razão, a vida cristã verdadeira só pode ser vivida a partir desta dimensão escatológica de um viver para amar que expressa, de forma tangível, a motivação do seu crer e do seu esperar.

A tangibilidade do amor confere visibilidade à relação da pessoa com Deus, com Cristo e com a humanidade. Dentre os vários modos de manifestar a fé e a esperança encontra-se a via confiante da obediência, via percorrida por Cristo (cf. Rm 3,25; 13,1-2) e caminho proposto ao homem que deseja, de fato, viver a totalidade do amor (cf. Jo 15,12).

Neste caminho do amor que tudo espera, a fé torna-se a rocha que sustenta o agir humano, enquanto a esperança insere o amor em uma dinâmica de crescimento e otimismo diante do futuro por crer na força do amor com o qual Cristo amou o mundo (cf. Rm 8,31-39).

A quarta e última dimensão universal e totalizante do amor evidencia que o amor tudo suporta (πάντα ὑπομένει).<sup>31</sup> Em virtude de sua expectativa escatológica, o amor sabe posicionar-se com perseverança. Entretanto, o verbo ὑπομένω não deve ser confundido com uma resignação passiva ou uma simples capacidade de resistência heróica, antes, é uma força ativa e positiva.

O amor que tudo suporta possui vínculos estreitos com o amor que tudo espera, pois traz consigo um sentimento de espera confiante e de esperança certa que produz um suportar operativo-escatológico que é capaz de vencer o sofrimento impingido pelo outro quando este responde com ingratidão ao amor que lhe foi ofertado (cf. Rm 15,1; Tg 1,12). Deste modo, o amor que tudo suporta, só poderá encontrar seu ápice no amor aos inimigos (cf. Mt 5,44; Lc 6,27.35; Rm 12,20-21).

No cotidiano o amor que tudo suporta necessita superar as calúnias, difamações e insídias do demônio (cf. 1Tes 3,1-5). Paulo é um exemplo de quem suporta tudo para não impor impedimentos ao agir de Cristo (cf. 1Cor 9,12). A perseverança no amor conduz ao amor que não se lamenta, mas continua amando, fazendo o bem, esperando o bem, suportando todo o resto por amor a Deus e à criatura que Ele ama<sup>32</sup>.

<sup>31</sup> Cf. DANKER, Fredrick William, *Op. cit.* p. 1039; RUSCONI, Carlo, *Op. cit.* p. 353.

<sup>32</sup> O Papa Bento XVI, em sua Carta Encíclica *Deus Caritas Est*, ao nº 17 nos ensina que “O reconhecimento do Deus vivo é um caminho para o amor, e o sim da nossa vontade à d’Ele une intelecto, vontade e sentimento no ato globalizante do amor. Mas isto é um processo que permanece continuamente em caminho: o amor nunca está «concluído» e completado; transforma-se ao longo da vida, amadurece e, por isso mesmo, permanece fiel a si próprio. *Idem*

### Terceira subseção - v. 8-13

v.8 - Ἡ ἀγάπη οὐδέποτε πίπτει· εἴτε δὲ προφητεῖαι, καταργηθήσονται· εἴτε γλώσσαι, παύσονται· εἴτε γνώσις, καταργηθήσεται.

Com o verbo πίπτω (v.8a), Paulo encerra a longa descrição positiva sobre o amor. Apesar do verbo πίπτω (cair)<sup>33</sup> vincular-se, de modo geral, ao campo semântico, que indica uma queda (cf. Rm 14,4), neste versículo, deve ser compreendido sob a ideia teológica proposta por Paulo de não aniquilamento do amor: segundo o autor, o amor jamais acabará.

Tal ideia teológica encontra-se corroborada pela presença do advérbio οὐδέποτε (jamais)<sup>34</sup>, que proporciona a percepção da eternidade do amor, descartando, portanto, a possibilidade de ver no amor um elemento sazonal. Sendo assim, o amor que jamais encontra um término possui, obrigatoriamente, componentes escatológicos que inserem o homem na dinâmica da eternidade onde o amor é, antes de tudo, uma Pessoa, a saber, o próprio Deus (cf. 1Jo 4,8).

No v.8b.c.d a transcendência do amor (οὐδέποτε πίπτει), descrita no v.8a, será contrastada com a temporalidade do dom da profecia, de línguas e do conhecimento. De fato, tanto o verbo καταργέω (eliminar, abolir)<sup>35</sup>, quanto o verbo παύω (cessar, suprimir)<sup>36</sup> demonstram que os carismas da profecia, da glossolalia e do conhecimento possuem pouquíssima importância, se o amor não nortear a execução da ação carismática e lhe imprimir o caráter escatológico-eterno. A ineficácia dos dons carismáticos retoma, na estrutura

---

*velle atque idem nolle*— querer a mesma coisa e rejeitar a mesma coisa (Salústio, *De coniuratione Catilinæ*, XX, 4.) é, segundo os antigos, o autêntico conteúdo do amor: um tornar-se semelhante ao outro, que leva à união do querer e do pensar. A história do amor entre Deus e o homem consiste precisamente no fato de que esta comunhão de vontade cresce em comunhão de pensamento e de sentimento e, assim, o nosso querer e a vontade de Deus coincidem cada vez mais: a vontade de Deus deixa de ser para mim uma vontade estranha que me impõem de fora os mandamentos, mas é a minha própria vontade, baseada na experiência de que realmente Deus é mais íntimo a mim mesmo de quanto o seja eu próprio (Cf. Santo Agostinho, *Confissões*, III, 6, 11: CCL 27, 32). Cresce então o abandono em Deus, e Deus torna-Se a nossa alegria (cf. *Sal 73/72, 23-28*)”.

<sup>33</sup> Cf. DANKER, Fredrick William, *Op. cit.* p. 815-816; RUSCONI, Carlo, *Op. cit.* p. 276.

<sup>34</sup> Cf. DANKER, Fredrick William, *Op. cit.* p. 815-816; RUSCONI, Carlo, *Op. cit.* p. 252.

<sup>35</sup> Cf. DANKER, Fredrick William, *Op. cit.* p. 525; RUSCONI, Carlo, *Op. cit.* p. 187.

<sup>36</sup> Cf. DANKER, Fredrick William, *Op. cit.* p. 790; RUSCONI, Carlo, *Op. cit.* p. 267.

chiástica, a impotência do agir humano quando este encontra-se destituído do agir transformador do amor<sup>37</sup>.

No v.8b encontramos a primeira contraposição entre a temporalidade e a transcendência descrita pelo dom da profecia enquanto conhecimento indireto de Deus – mediado pelo profeta – que não terá mais finalidade na vida eterna, por isso, as profecias *καταργηθήσονται* desaparecerão. Sua extinção se deve ao fato do conhecimento profético estar vinculado ao elemento temporal, ou seja, em cada período histórico Deus fala ao homem, revela-se a criatura através de diversos modos (cf. Hb 1,1-2). Na eternidade, porém, a criatura humana estará diante de Deus e o conhecerá tal como Ele é.

A segunda contraposição encontra-se no v.8c, que declara a transitoriedade da glossolalia, as línguas *παύομαι* cessarão. Este hapax paulino permite perceber que esta linguagem, agora indecifrável (cf. Rm 8,26), cessará diante da Palavra que é o Cristo Ressuscitado, comunicador autêntico da Revelação do Pai<sup>38</sup>.

Ao retomar o verbo *καταργέω* Paulo introduz o terceiro elemento transitório, a saber: a ciência. O conhecimento de Deus neste mundo é parcial e limitado em decorrência da presença do pecado que inibe o conhecimento dos mistérios de Deus<sup>39</sup>. Quando este conhecimento transitório for abolido, Deus será conhecido e acessível em sua transparência e luminosidade (cf. Ap 22,1-5).

---

<sup>37</sup> Para Raymond F. Collins, o v.8bcd, pertence à uma estrutura chiástica e retoma o tema abordado nos v. 1-2. Cf. COLLINS, Raymond F., *Op. cit.* p. 485-486.

<sup>38</sup> “Habitando na nossa fragilidade humana, o Espírito intercede por nós com gemidos inefáveis e conduz-nos para as alturas de Deus. Muitas vezes rezamos a Deus, para que nos livre de males e tribulações; mas temos a impressão de não ser ouvidos e... desanimamos. Ora, não há grito humano que não seja ouvido por Deus; e é precisamente na oração constante e fiel que compreendemos, com São Paulo, que «os sofrimentos do tempo presente não impedem a glória futura de se revelar em nós». A resposta do Pai a seu Filho não foi a libertação imediata dos sofrimentos, da cruz, da morte, mas precisamente através da cruz e da morte – como expressão do amor supremo – Deus respondeu, para além de todas as expectativas humanas, com a ressurreição”. Cf. PAPA BENTO XVI - AUDIÊNCIA GERAL. *Praça de São Pedro - Quarta-feira, 16 de Maio de 2012.*

<sup>39</sup> “Ao conhecer Deus só com a luz da razão, o homem experimenta muitas dificuldades. Além disso, não pode entrar só pelas suas próprias forças na intimidade do mistério divino. Por isso é que Deus o quis iluminar com a sua Revelação não apenas sobre verdades que excedem o seu entendimento, mas também sobre verdades religiosas e morais que, apesar de serem por si acessíveis à razão, podem deste modo ser conhecidas por todos, sem dificuldade, com firme certeza e sem mistura de erro”. Cf. Catecismo da Igreja Católica. *Compendio. n.º37-38.* [http://www.vatican.va/archive/compendium\\_ccc/documents/archive\\_2005\\_compendium-ccc\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/compendium_ccc/documents/archive_2005_compendium-ccc_po.html) - A PROFISSÃO DA FÉ. Acesso Junho 2013.

O v.8 permite vislumbrar a total subordinação dos dons carismáticos à escatologia. Sendo assim, seria possível dizer que sem a perspectiva de um agir voltado para a eternidade, o labor humano perde-se num espectro de condicionamentos éticos de cumprimento do dever pelo dever.

v.9 – ἐκ μέρους γὰρ γινώσκομεν καὶ ἐκ μέρους προφητεύομεν·

A noção de parcialidade introduzida pelo v.9, insere uma nova característica para os carismas: eles são exercidos apenas parcialmente ἐκ μέρους<sup>40</sup>, pois a capacidade de conhecimento da pessoa humana é limitado em função de sua própria situação criatural, ao passo que o conhecimento de Deus revela-se, sempre, como infinito.

A mesma parcialidade pode ser detectada no exercício da profecia. Esta, tendo por meta falar em nome de um outro, ou seja, falar em nome de Deus, padece com a parcialidade do conhecimento que o homem tem de Deus, bem como com a parcialidade imposta pela linguagem humana que limita o discurso e a descrição da Pessoa Divina.

O recurso à expressão *evk me,rouj* na primeira carta aos Coríntios tem como escopo indicar o caráter limitado dos carismas (cf. 1Cor 8,2; 12,7-10; 13,9ab.10b.12b). Tal limitação, porém, não pretende atenuar a eficácia dos dons do Espírito Santo (cf. Gl 5,22-23) na Igreja. O confronto entre o amor e os carismas dentro da perspectiva escatológica terá continuidade no v.12.

v.10 – ὅταν δὲ ἔλθῃ τὸ τέλειον, τὸ ἐκ μέρους καταργηθήσεται.

A presença da perfeição, manifestada no v.10a através da expressão *to,leion*<sup>41</sup>, pode ser entendida como final ou perfeito (cf. Rm 12,2; Ef 4,13; Cl 1,28; Tg 1,4.17.25). A presença do teor escatológico da perícope, bem como do artigo nominativo neutro singular *to*, permite indicar uma leitura mais próxima de uma semântica que indica o final de todas as coisas (cf. 1Cor 2,6; 14,20). Sendo assim, τὸ τέλειον não indica uma qualidade, mas uma totalidade; não se trata de um confronto entre o bom e o melhor, mas entre a parte e o todo.

<sup>40</sup> Cf. DANKER, Fredrick William, *Op. cit.* p. 633-634; RUSCONI, Carlo, *Op. cit.* p. 221.

<sup>41</sup> Cf. DANKER, Fredrick William, *Op. cit.* p. 998; RUSCONI, Carlo, *Op. cit.* p. 337.



De fato, diante da perfeição, toda a realidade contemplada em parte será abolida. Neste tempo, a vida humana está, inevitavelmente, sob o timbre da parcialidade. Por mais genial que seja a mente humana, seu conhecimento é limitado e não pode comportar todo o saber científico ou todo o saber teológico. O amor ao contrário, age de forma plena, já neste mundo, mas, quando a parcialidade desaparecer, ele resplandecerá em sua plena perfeição.

O v.10b deflagra o fim do parcial, que desaparecerá, τὸ ἐκ μέρους καταργηθήσεται. A noção de parcialidade, de limitação acentua o contraste entre a conjuntura de limitação vivenciada neste mundo e a finalidade final, a saber: a vida no perfeito amor-escatológico.

v.11 – ὅτε ἦμην νήπιος, ἐλάλουν ὡς νήπιος, ἐφρόνουν ὡς νήπιος, ἐλογιζόμην ὡς νήπιος· ὅτε γέγονα ἀνὴρ, κατήργηκα τὰ τοῦ νηπίου.

O termo νήπιος<sup>42</sup> (criança) ocorre cinco vezes neste versículo (cf. 1Cor 13,11a.b.c.d.e.) e contrasta, fortemente, com o vocábulo ἀνὴρ<sup>43</sup> (homem)) O v. 11 sinaliza que o estado atual do cristão em relação à obtenção do conhecimento é comparado àquele da criança a qual comporta em sua mente o básico ou tão simplesmente o que lhe exige menor empenho cognoscitivo<sup>44</sup>.

Contudo, com o passar do tempo e o ingresso na idade adulta, tais níveis de conhecimento devem ser abolidos a fim de dar lugar ao conhecimento da realidade adquirido pelo homem adulto. Outro nível de conhecimento pode ser adquirido pelo homem quando este se volta para Deus e busca conhecer àquele que, por amor à criatura, se revela (cf. 1Cor 8,3; Gl 4,9).

v.12 – βλέπομεν γὰρ ἄρτι δι' ἐσόπτρου ἐν αἰνίγματι, τότε δὲ πρόσωπον πρὸς πρόσωπον· ἄρτι γινώσκω ἐκ μέρους, τότε δὲ ἐπιγινώσκω καθὼς καὶ ἐπεγνώσθη.

A frase comparativa βλέπομεν γὰρ ἄρτι δι' ἐσόπτρου (Agora vemos em espelho) que inicia o v.12 desenvolve e exemplifica mediante duas comparações as afirmações dos v. 10-11. De fato, nos v.10-11 foram propostas

<sup>42</sup> Cf. DANKER, Fredrick William, *Op. cit.* p. 671; RUSCONI, Carlo, *Op. cit.* p. 234.

<sup>43</sup> Cf. DANKER, Fredrick William, *Op. cit.* p. 79; RUSCONI, Carlo, *Op. cit.* p. 29.

<sup>44</sup> Cf. KUSS, Otto, *Carta a los Romanos, Carta a los Corintios, Carta a los Gálatas*. Barcelona, Herder, 1976, p. 275.

comparações concernentes à continuidade e à diferença entre o menino e o adulto, enquanto que o v.12 descreve um dado experiencial em Corinto: a produção de espelhos<sup>45</sup>.

Ao que parece, Paulo emprega a metáfora do espelho (ἐσόπτρου)<sup>46</sup> para aludir à dificuldade do homem de apreender, neste mundo, o conhecimento de Deus. A imagem distorcida do v.12b reforça o emprego que o Apóstolo das Gentes faz do contraste entre ideias com a finalidade de enfatizar a precariedade de nossa percepção: tanto aquela sobre nós mesmos quanto a que concerne ao conhecimento do valor da existência humana diante do Criador, o face a face (v.12c) vivenciado na eternidade (cf. Ap 22,4-5)<sup>47</sup>.

Um novo contraste pode ser detectado no v. 12.d quando Paulo utiliza os advérbios ἄρτι (agora)<sup>48</sup> e τότε<sup>49</sup> (depois) a fim de melhor aprofundar o uso da metáfora do espelho como promotor de um conhecimento limitado e indireto. Não obstante tanta precariedade, esta parcialidade do conhecimento de Deus já proporciona ao homem uma felicidade que o impulsiona a viver um *agora-escatológico*, ou seja, o conhecimento proporcionado por Deus à criatura através da Revelação concede um conhecimento que nos faz capazes, neste nosso *agora*, neste nosso tempo de salvação, de vivenciar a felicidade do encontro com Deus ainda que esta esteja sob o manto da parcialidade.

Quando o *depois* chegar, isto é, quando a escatologia se fizer presente em nossa existência, a criatura conhecerá tal qual é conhecida. Sem dúvida alguma o conhecimento do homem na eternidade será sempre aquele concernente à criatura<sup>50</sup>. A fórmula passiva do verbo ἐπιγινώσκω comporta a noção de uma experiência vivida pela criatura. Ela conhecerá a si mesma tal como o Criador a conhece, saberá qual a sua importância para Deus e a dimensão estremada do amor Deus por sua criatura (cf. Jo 13,1).

---

<sup>45</sup> Os espelhos fabricados em Corinto não refletiam a imagem de forma nítida e clara porque eram de bronze polido ou de vidro opaco conforme o modo de fabricar da época. Cf. FEIL, Maria Lucena; Os dons do Espírito: o fenômeno do carismatismo em Corinto e no nosso contexto eclesial. Dissertação de Mestrado. Escola Superior de Teologia. São Leopoldo, 2012 p.14-15. [http://tede.est.edu.br/tede/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=399](http://tede.est.edu.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=399). Acesso Junho de 2013.

<sup>46</sup> Cf. DANKER, Fredrick William, *Op. cit.* p. 397; RUSCONI, Carlo, *Op. cit.* p. 145.

<sup>47</sup> Cf. WALTER, E., *Primera Carta a los Corintios*. Barcelona, Herder, 1977, p. 247-248.

<sup>48</sup> Cf. DANKER, Fredrick William, *Op. cit.* p. 136; RUSCONI, Carlo, *Op. cit.* p. 50.

<sup>49</sup> Cf. DANKER, Fredrick William, *Op. cit.* p. 1012; RUSCONI, Carlo, *Op. cit.* p. 343.

<sup>50</sup> Cf. WALTER, E., *Op. cit.*, p. 250.

v.13—Νυνὶ δὲ μένει πίστις, ἐλπίς, ἀγάπη, τὰ τρία ταῦτα· μείζων δὲ τούτων ἡ ἀγάπη.

O v.13 obriga a um retorno ao momento presente apelando para a forma enfática adverbial νυνί (agora)<sup>51</sup> e para o verbo no presente do indicativo μένω (permanecer)<sup>52</sup>, com o objetivo de indicar que, neste tempo, devem permanecer no cotidiano da experiência cristã a fé, a esperança e caridade, porque estas constituem a essência de cada cristão e, em muito, superam qualquer conhecimento limitado ou experiência carismática.

A tríade fé, esperança e caridade são dons divinos ofertados por Deus ao homem a fim de que este possa abrir seu coração e mente para seu Senhor e Criador<sup>53</sup>. De fato, quando a fé, a esperança e a caridade são praticadas permanentemente no cotidiano do fiel, proporcionam uma crescente e livre adesão à salvação que Cristo conquistou através de seu sacrifício na cruz para resgatar todo homem.

A influência da tríade fé, esperança e caridade na livre adesão do homem ao plano salvífico de Deus se deve ao fato destas constituírem a essência do ser e do agir cristão. Sendo assim, não se poderia conferir um menor valor a qualquer uma destas virtudes, pois é a fé que abre o coração do homem para Deus, bem como para os dons de Deus; a esperança, por estar intimamente ligada à fé, espera, acima de tudo em uma Pessoa<sup>54</sup>, e por ser a promessa desta Pessoa fidedigna. A esperança cristã não conhece em detalhe o que se espera, mas possui a certeza de que a sua vida não acaba no vazio como ocorre com os pagãos que seguem outros deuses (cf. Ef 2,12; 1Tes 4,13). Contudo, esta meta só será plenamente atingida através da permanência na caridade, pois só ela permanecerá na eternidade.

<sup>51</sup> Cf. DANKER, Fredrick William, *Op. cit.* p. 682; RUSCONI, Carlo, *Op. cit.* p. 237.

<sup>52</sup> Cf. DANKER, Fredrick William, *Op. cit.* p. 630-631; RUSCONI, Carlo, *Op. cit.* p. 221.

<sup>53</sup> Cf. WALTER, E., *Primera Carta a los Corintios.*, p. 250.

<sup>54</sup> «Somente quando o futuro é certo como realidade positiva, é que se torna vivível também o presente. Sendo assim, podemos agora dizer: o cristianismo não era apenas uma «boa nova», ou seja, uma comunicação de conteúdos até então ignorados. Em linguagem atual, dir-se-ia: a mensagem cristã não era só «informativa», mas «performativa». Significa isto que o Evangelho não é apenas uma comunicação de realidades que se podem saber, mas uma comunicação que gera fatos e muda a vida. A porta tenebrosa do tempo, do futuro, foi aberta de par em par. Quem tem esperança, vive diversamente; foi-lhe dada uma vida nova». Cf. Spes Salvi n°2. [http://www.vatican.va/holy\\_father/benedict\\_xvi/encyclicals/documents/hf\\_ben-xvi\\_enc\\_20071130\\_spe-salvi\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20071130_spe-salvi_po.html). Acesso: Junho de 2013.

Permanecer na fé e na esperança demonstra um incondicional desejo de estar na comunhão com Deus e com o próximo. A fé, contudo, será substituída pela visão e a esperança pelo cumprimento de todas as promessas anunciadas na Escritura, mas a caridade permanecerá na vida eterna, visto que ela é a perfeição, ou seja, é a fonte onde o homem encontra a via de sua santificação.

A supremacia da caridade frente à fé e à esperança pode ser percebida pela presença do adjetivo comparativo *μείζων* (maior)<sup>55</sup>. A caridade não sofrerá mudanças na eternidade por ser definitiva; ela é, em última instância, a ação de Deus por meio de Cristo (cf. Rm 5,5-10; 8,31-39). Com efeito, somente pelo sacrifício de Cristo na cruz o homem experimentou o que significa, verdadeiramente, o amor<sup>56</sup> e mais que isto, um amor imutável.

## CONCLUSÃO

O perfil do fiel delineado nos v. 1-3 o mérito e o demérito imputado a cada fiel decorrerá da presença ou ausência do amor nas ações realizadas. O demérito caracteriza-se por uma ação desempenha de modo mecânico; o recurso a imagens de instrumentos que emitem sons capazes de irritar ilustram o quanto esta postura distancia-se da suavidade encontrada no amor. Também o sábio e o taumaturgo nada são se seu agir estiver voltado para o espetáculo. Mesmo o mais heróico dos mártires nada será se o amor não conduzir suas obras.

O amor converte-se, portanto, no elemento insubstituível e constitutivo do verdadeiro ser cristão. Tudo o que o homem faz fora do amor revela-se incapaz de acrescentar-lhe alguma coisa, porque o amor é a razão de ser intrínseca de qualquer valor.

A segunda subseção (cf. v.4-7) foi iniciada com duas afirmações positivas sobre o amor propostas pelo v.4a-b. Na primeira parte deste versículo, o amor é apresentado como aquele que é paciente diante das inconstâncias do próximo. Para tanto, o amor necessita ser bondoso, pois diante de eventuais deslizos, não fomenta no coração amarguras ou descrédito perante o próximo que, mais uma vez, fere o amor.

O elenco das ações que não caracterizam o amor tem início no v.4 c.d.e e se estende até o v.6a. Ao longo destes versículos São Paulo define aquilo que

<sup>55</sup> Cf. DANKER, Fredrick William, *Op. cit.* p. 626.623; RUSCONI, Carlo, *Op. cit.* p. 219.

<sup>56</sup> Cf. KUSS, Otto, *Op. cit.*, p.276.

não é verdadeira expressão do amor, porque entrega-se à inveja, à arrogância e ao orgulho. O v. 5 elenca outras atitudes que se revelam como antíteses ao amor por darem vazão à inconveniência, à busca do próprio interesse, à cólera, ao julgar-se ofendido e, até mesmo à alegria diante de uma injustiça.

Os v.6b-v.7 retomam as afirmações positivas sobre o amor e, através da introdução do elemento totalizante inserido pelo adjetivo indefinido acusativo neutro plural πάντα, exprimem a totalidade do agir pautado no amor: tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. O recurso a uma ideia de totalidade corrobora a atitude ilimitada do amor em seu agir. Destaca ainda que o amor jamais se rende diante de alguma dificuldade.

Na terceira subseção (cf. v.8-13), o texto desenvolveu a fundo o contraste entre amor e experiências carismáticas, através das antíteses de permanência-perfeição-realidade do futuro último, de um lado, e a caducidade-imperfeição-realidade histórica de outro. Paulo redimensionou, assim, a importância dos carismas, inclusive dos mais úteis à edificação da comunidade.

Segundo Paulo, a perfeição cristã está no amor e não nas manifestações carismáticas. Estas nem se quer podem antecipar o mundo futuro no atual; semelhante antecipação só pode ocorrer através daquele que ama. O amor para Paulo não é uma mera atitude ético-comportamental, antes é uma força, um caráter escatológico concedido por Deus ao homem. Lançando-se no amor de Deus a criatura faz a experiência do seu amor, um amor que não terá mais fim.